

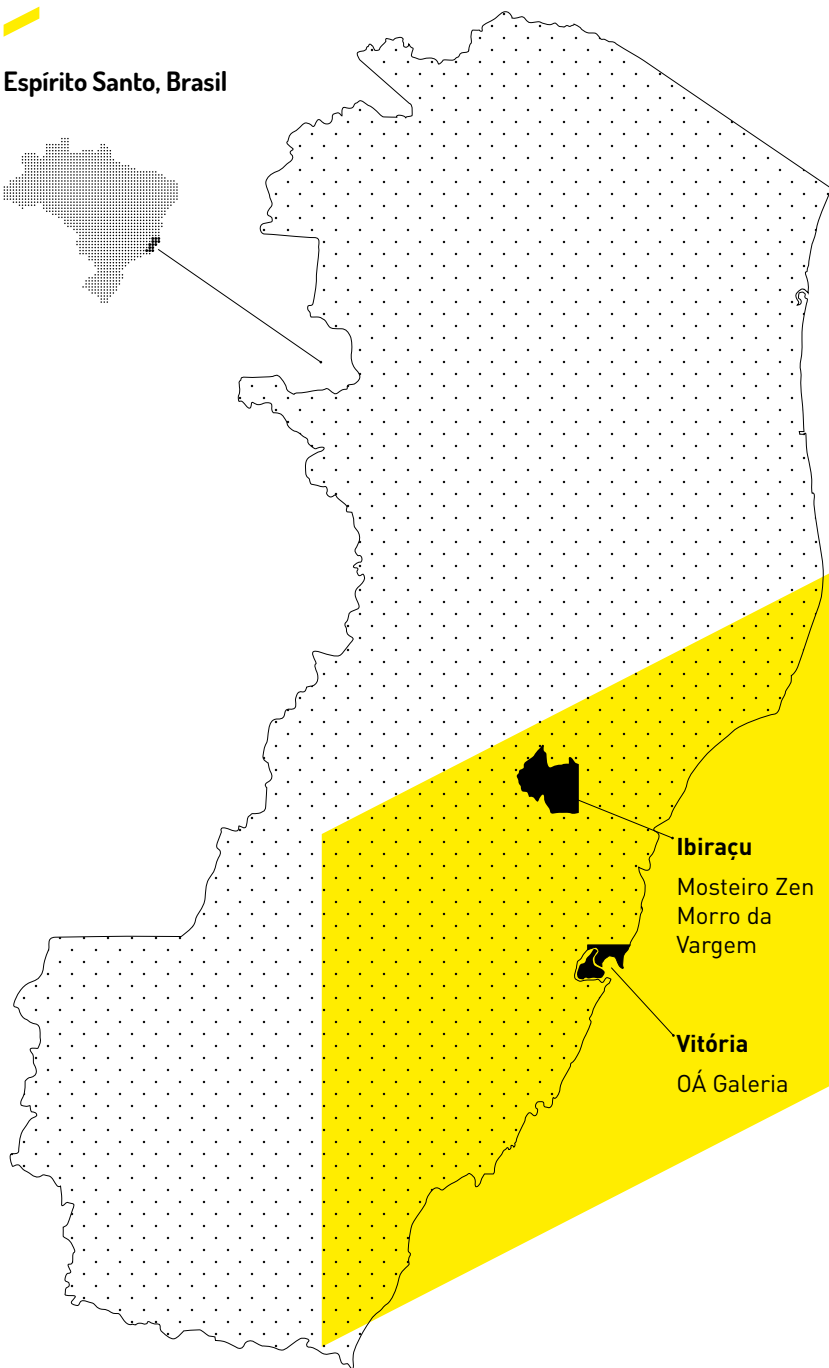
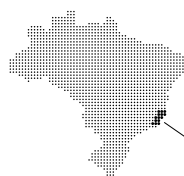
ENTRE NÓS

**//RESIDÊNCIAS
ARTÍSTICAS
2019**





Espírito Santo, Brasil



Ibiraçu

Mosteiro Zen
Morro da
Vargem

Vitória

OÁ Galeria

Apresentação

Entre Nós deriva de uma proposta anterior, o *Cá Entre Nós*, projeto que aconteceu em quatro edições até 2018, e que, entre exposições e ações educativas, tinha por objetivo criar diálogos entre a cena artística do estado e o cenário nacional.

Esse novo projeto, que guarda o embrião de seu antecessor, se lança às questões específicas de um programa de residências. Dispomo-nos a pensar o que constitui nosso *estar no mundo*, nos abrindo a pensar formas de **coexistência** que resgatem questões urgentes no interior da sociedade e da arte contemporânea.

Entre nós surge, assim, de um desejo de convocar pessoas cujo interesse por práticas contextualizadas com os lugares em que se inserem são o ponto de partida para imaginarmos cenários futuros, como vivermos juntos, com todas as contradições e desafios que esse exercício pode nos colocar.

Essa primeira edição, acolhida especialmente pela OÁ Galeria e pelo Mosteiro Zen Morro da Vargem, se dirige a tais provocações para assumir nossa porosidade e vulnerabilidade ao entorno como potência. Foi assim que partimos dessa e de outras estratégias curatoriais para gerar confluências a partir de Vitória e Ibirapu, conectando o Espírito Santo ao Pará, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Portugal.

Entendendo o gesto curatorial como proposição de encontros, lançamos uma ideia no ar. E ao abraçar a fragilidade da promessa, a excitação do *porvir*, desejamos com isso ir na contramão da vida cotidiana, que nos empurra a modelos e resultados concretos. Ao repensar esses procedimentos, desconstruímos lógicas de produção mais tradicionais e refletimos sobre nosso papel político no mundo, acreditando no lugar da arte (e da residência artística) como propulsora de transformações e experimentações.

As residências realizadas partiram da vontade de (re)aprender a se conectar com o presente e com o corpo, valorizando a partilha de vivências pessoais e outras possibilidades de criação. Apostando na condução de cada uma das pessoas envolvidas nesse processo, desenhamos em conjunto quatro residências, entre os meses de junho a outubro de 2019.

As artistas Juliana Pessoa e Liliana Sanches ocuparam, cada uma em seu tempo, o espaço de uma galeria de arte que é também uma casa, movendo-se de seus ateliês cotidianos a esse novo espaço, que apesar da escala do doméstico, desafia por sua outra rotina, códigos e habitantes. Já no Mosteiro, Alexandre Sequeira vai em busca do que tem sido o grande mote de sua prática artística, a experiência (do) comum, e encontra, na solidão da casa de vidro da Estação Cultural, uma nova possibilidade de conviver com o *outro*. Com a residência coletiva, junto à Mata Atlântica e ao universo particular do Zen Budismo, nos lançamos ao desafio de criar um espaço de convivência temporário, lugar em que dividimos nossas inquietações, processos criativos e tarefas do dia-a-dia.

Há muito o que contar e essa publicação é apenas um pequeno gesto: o que fica, em essência, é a própria experiência vivida e as relações que construímos nesse breve período de tempo. Cabe então nutrir o gérmen do encontro e acompanhar com atenção essa *página escrita entregue ao fluir dos ventos*, que como as apostas mencionadas anteriormente, não se sabe onde há de dar ou brotar.

Clara Sampaio

// Juliana Pessoa

OÁ Galeria.
30 dias.
140 desenhos.

Mediante o convite da galeria para realizar a residência, logo pensei em aproveitar a oportunidade para me preparar para a vivência que faria, no mês seguinte, na cidade de Canudos, Bahia. Em 2018, meu projeto - *Nonada*. foi selecionado pelo Rumos Itaú Cultural. O projeto se enraíza em um trabalho que desenvolvo há cerca de três anos, a partir, sobretudo, da leitura de *Os sertões*, de Euclides da Cunha. O trabalho consiste na produção de uma série de desenhos feitos com fotografias da guerra de Belo Monte (1897), seus sobreviventes e descendentes, bem como das cidades construídas após o massacre (como se sabe, a primeira Canudos, na verdade chamada de Belo Monte, foi completamente destruída; a segunda Canudos foi submersa pelo açude do Cocorobó; e a terceira é a cidade atual).

O projeto - *Nonada*. surgiu, nesse sentido, da vontade de ir ao encontro dessa história e de sua memória, a fim de que o desenho pudesse ser feito a partir de um corpo a corpo com a experiência direta do lugar e de sua gente. Assim, a residência foi uma espécie de antessala para a vivência em Canudos. Todos os dias, papel, grafite, carvão, pigmentos em pó, argila e borracha se transformavam em desenho, buscando ir ao encontro das imagens desse sertão conselheirista e euclidiano, marcado a ferro e fogo pela paixão e pelo horror.

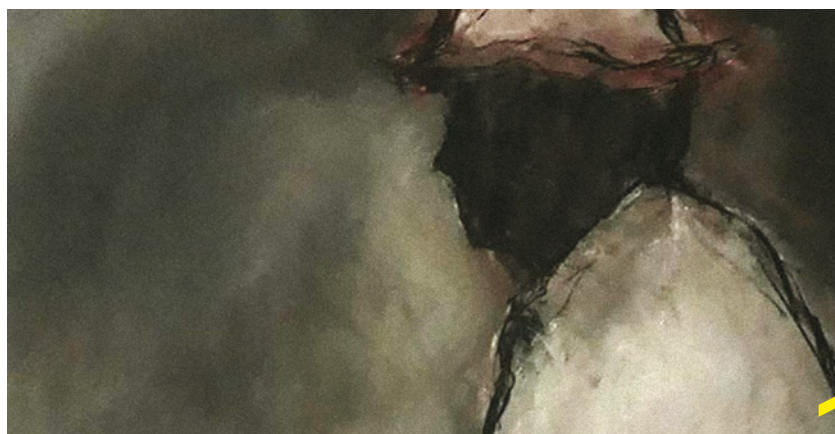
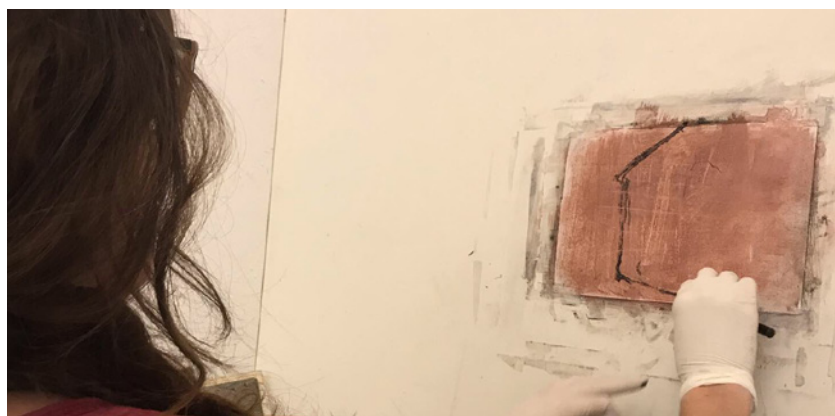
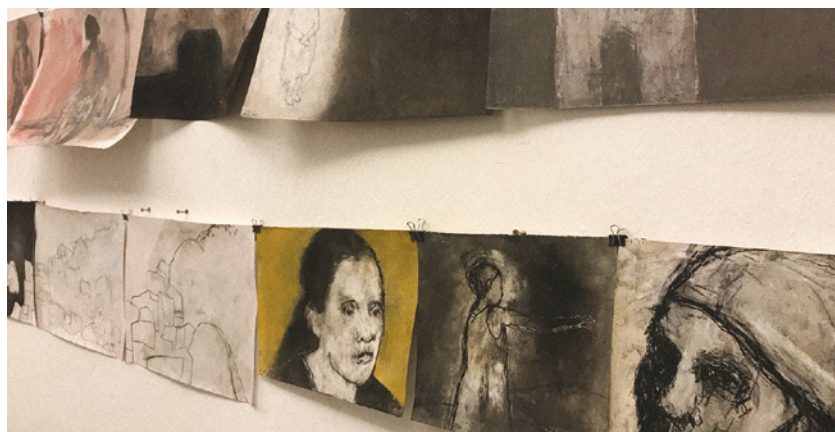
...

A residência na galeria foi uma oportunidade de estranhamento – fundamental para o processo criativo. Sair da familiaridade do ateliê, da espacialidade habitual, para travar novas disputas entre a mão, o papel e o lugar. Foi uma experiência de desprendimento, um aprender a perder, ora a calma, ora a ansiedade, mas, sobretudo, a vontade de acertar. E de muito trabalho!









// Alexandre Sequeira

// Sobre o tempo para se falar com as coisas do mundo

Minha chegada na Estação Cultural do Mosteiro Zen Morro da Vargem aconteceu no dia 12 de agosto de 2019. Passado o momento inicial de fascínio pela geografia local e pela atmosfera do lugar, pude experimentar uma sensação que, lentamente me deslocaria para o centro das questões que norteariam minha atividade na residência artística: certa dimensão temporal que rege os acontecimentos do lugar.

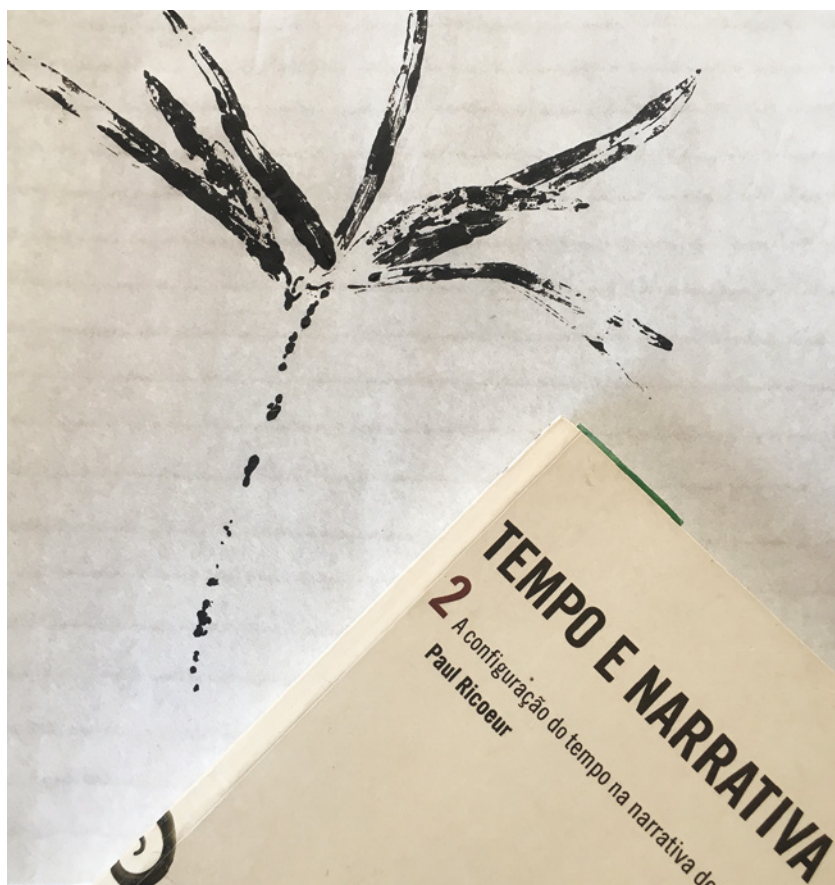
Refiro-me a certa distensão nas relações que eu passava, a partir de então, a estabelecer com o espaço, os sons, a luminosidade local. Algo que relativiza as referências temporais que costumam nortear nossa vida citadina. Meus olhos atentavam agora para a mudança de luz no interior da caixa de vidro que é a Estação Cultural, considerando a lenta movimentação das sombras pelo interior do prédio como referência de passagem do tempo. Do mesmo modo, meus ouvidos se adequavam ao som do farfalhar das folhas ao vento; aos pássaros que cantavam, uns no amanhecer, outros no entardecer, ou no delicado estalar da queda das sementes de seringa no calçamento da via de acesso à Estação. Meu corpo passava, lentamente, a incorporar uma série de sinais que, reunidos, constituiriam uma nova sintaxe comunicacional entre mim, o tempo e o lugar. A sensação inicial de isolamento foi dando lugar a um entendimento de pertencimento e sociabilidade com tudo a minha volta, o que se confirmou em uma preleção do Mestre Daiju na sede do Mosteiro. Disse ele: nossa atenção com o outro é, em verdade, nossa atenção com tudo a nossa volta: as pedras, as plantas, o ar. Dei-me conta, então, que o trabalho que há cerca de duas décadas venho desenvolvendo a partir de relações de encontro e trocas simbólicas com outros, poderia sim se estabelecer ali, já que, a despeito de minhas primeiras impressões, não estava só.

Ao longo dos onze dias de permanência na residência, me entreguei a um ritmo próprio fazendo com que cada pequeno detalhe fosse merecedor de todo o tempo do mundo. Passei a coletar as folhas e sementes que caíam das árvores e, com elas, busquei estabelecer um diálogo que tratava do tempo de nosso convívio. Um tempo que se esgarçava preguiçoso fazendo com que os dias e os sinais de seu passar se convertesse, em verdade, na melhor forma de lidar com a vida no lugar. “*Sobre o tempo para se falar com as coisas do mundo*” é, acima de tudo, um documento desse prazeroso convívio.









// Barbara Carnielli, Esther az, Lorena
Pazzanese, Luana Vitra, Max Willà
Morais, Marcelo Venzon

Anotações para assumir o experimental
(ou memorabilia abstrata de uma residência)

Texto por Juliana Gontijo

Escolho começar afirmando que o mais significativo, aqui, é a passagem, o deslocamento da consciência, a atenção ao momento. Por que não ver a consciência como a capacidade de orientar a atenção? O que segue são notas, expressões da minha atenção durante os dez dias de residência. São fragmentos de momentos vivenciados que fazem eco com as pedras soltas e os imensos abismos da paisagem do Mosteiro Zen Morro da Vargem.

19092019 >> Princípio primeiro: a residência será vivenciada a partir do conceito de corresponsabilidade. Três dimensões sobrepostas: o individual, o coletivo, o comum.

Queremos expandir os encontros mediados pela comida. Preparo coletivo, autogestão. Horizontalidade.

Propomos decidir diariamente no coletivo a dinâmica do dia seguinte.

Inspiro ("Experimentar o experimental", de Hélio Oiticica).

20092019 >> Processos: abrigar a paisagem do Mosteiro.

Nota sobre uma GEOLOGIA ABSTRATA:

"Os nomes de minerais e os próprios minerais não se diferem, porque no fundo tanto do material quanto do sinal impresso está o começo de um número abissal de fissuras. Palavras e rochas contêm uma linguagem que segue a sintaxe de fendas e rupturas. Olhe para qualquer palavra por bastante tempo e você vai vê-la se abrir em uma série de falhas, em um terreno de partículas, cada uma contendo seu próprio vazio. Essa linguagem desconfortável da fragmentação não oferece nenhuma solução gestalt fácil; as certezas do discurso didático são arrastadas na erosão do princípio poético. Perdida para sempre, a poesia precisa se submeter à sua própria vacuidade; é de algum modo um produto da exaustão, mais do que da criação. A poesia é sempre uma linguagem agonizante, mas nunca uma linguagem morta." (Robert Smithson em "Uma sedimentação da mente: projetos de terra")

22092019 >> Primeira abertura. Convocar o outro.

Max. Ouro, prata. Aquilo que simula riqueza.

Gosma. Língua negra, vermelha e dourada. O ovo.

Economia do gesto: como compartilhar sem exaurir, estender sem perpetuar.

O gesto do insubordinado. Dividir o Centro.

23092019 >> Primeira troca de métodos (momentos de

experimentação mediados pelos artistas residentes a partir de seu processo de criação e invenção).

Ritual Pazzanese para o equinócio de primavera. Tarô. Cantar.
Pintar cascas de ovos. Comer ou enterrar os ovos.

Barbara. Simbolismos florais. Sensibilidade feminina e poder de liberação. Experiências sensoriais. Adentramento. Aterramento. O que o ambiente convoca?

25092019 >> Luana. Gesto que devolve as matérias assimiladas pela indústria a sua origem.

Não o novo, não o outro, mas o ancestral. Pertencimento, território. Dimensão afetiva da paisagem.

“O espaço intermediário entre o céu e a terra é preenchido por um sopro”

26092019 >> Vivência Zazen. O presente, a atenção.

Nota I sobre **A CAMINHADA**: monólogo interior / deriva / ritmos dissidentes / modulações variadas / lentidões estratégicas (reflexões a partir de Lucas Sargentelli)

Ação 1: Subir o Torii com um tampão de ouvido.

Marcelo. A arquitetura, o espaço. A medição, a estrutura.
Os materiais puros e o simulacro.
A instabilidade. O corpo, a tensão.

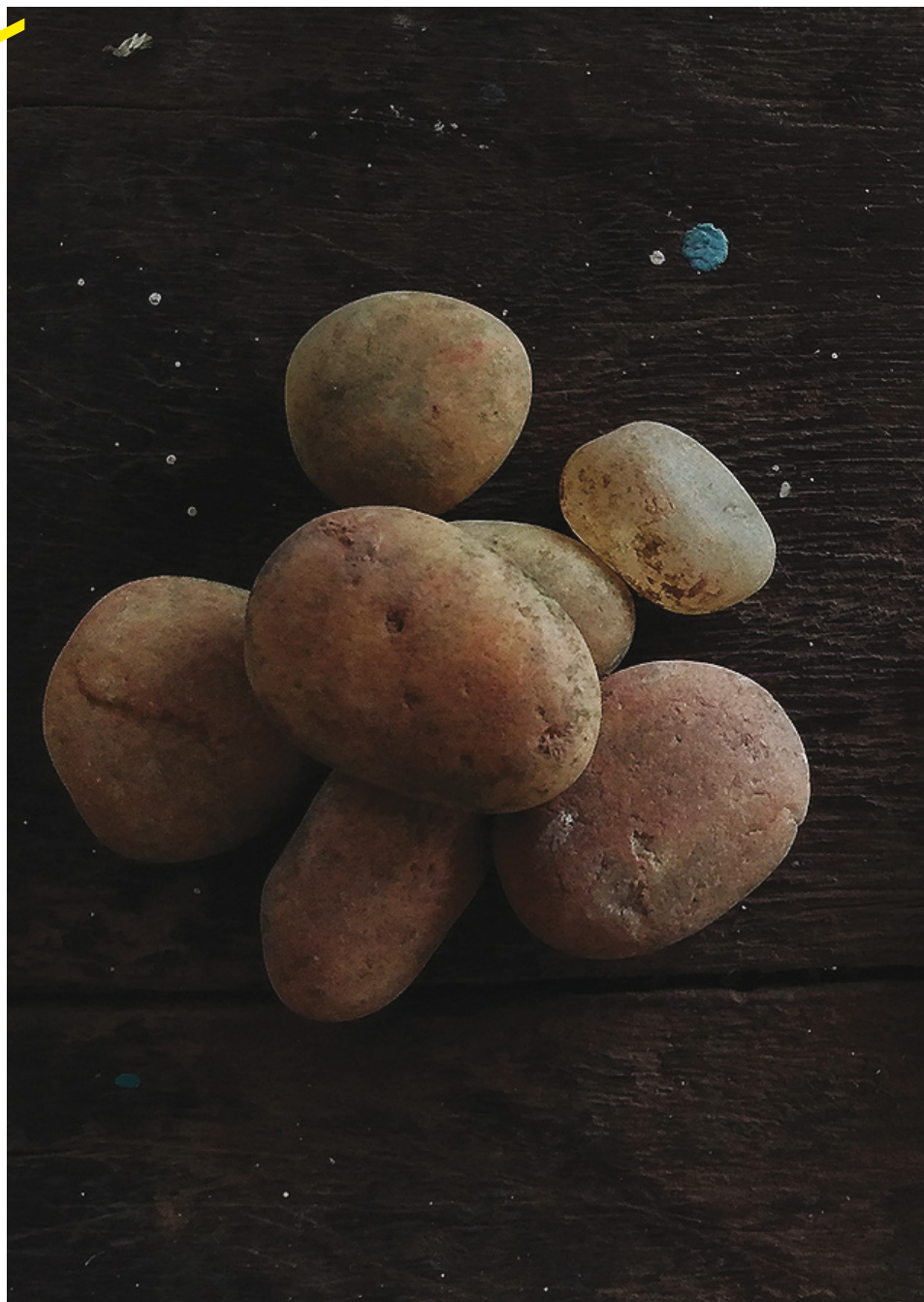
27092019 >> Esther. Escrita volúvel. A leveza, o acaso, ciclo, peso, impermanência, caos.
“Acima de tudo: respeitar a queda”.
O espinho por baixo da almofada. O cansaço.

Preparar a comida em silêncio.

28092019 >> Lua nova.

Lorena. A espiritualidade, a terapia, a cura. “No rio, se sentiu chamada pelo corpo”
O fluxo eu-outrx. Ampliação da consciência.
“Abraçar a raiva. Assumir o desejo. Habitar o vazio.”

29092019 >> Última abertura.





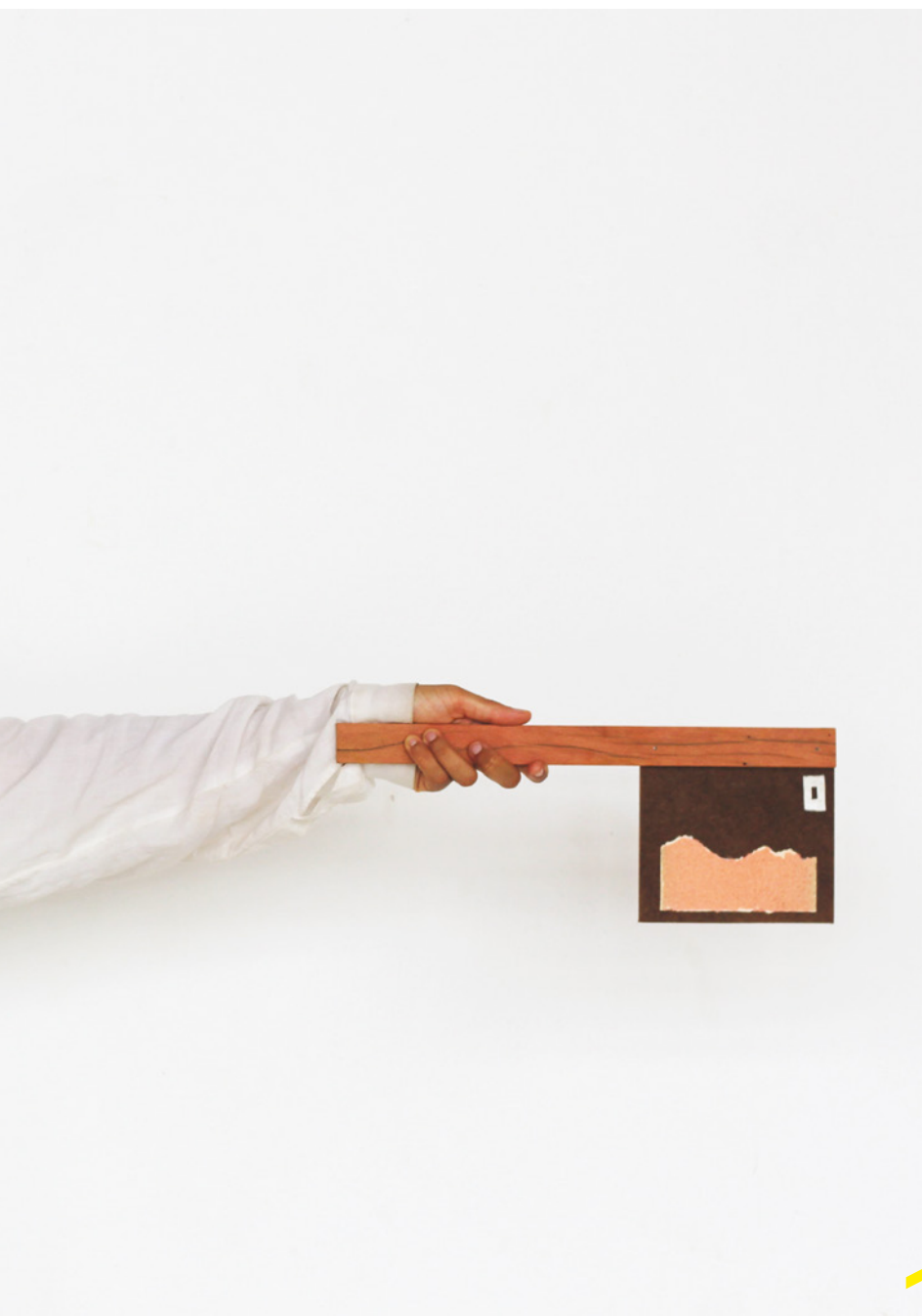












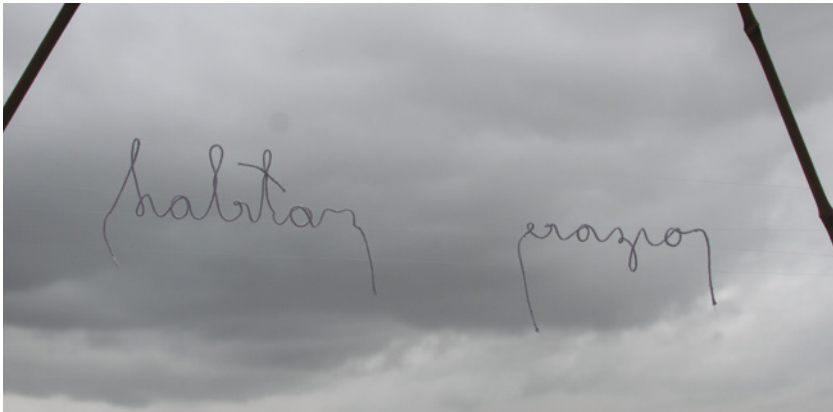














// Liliana Sanches

Essa foi a minha primeira experiência em uma residência artística. Nos últimos meses, eu estava à procura de novas vivências e possibilidades para pensar o meu trabalho. Todo o meu processo artístico, mesmo em época acadêmica, sempre foi feito em meu atelier, que é a minha casa. Meu espaço de criação é, então, um ambiente doméstico, seguro, familiar e de muito afeto.

Moro em Vila Velha, cidade próxima de Vitória, onde a galeria se encontra. A distância entre as duas cidades é pequena na prática: tudo é muito perto e muito longe ao mesmo tempo. Sentir os efeitos desse deslocamento diário foi de grande importância para me entender como um ser que transita e está inserido em ambientes e movimentos semelhantes a outras pessoas. Cada um com suas necessidades, trabalho e tempos diferentes.

A imersão foi na galeria por inteiro, absorvi seu movimento e funcionamento. Cada detalhe. Deixei que a própria atividade do espaço me atingisse. Primeiro, o silêncio da sala branca e depois, os ruídos das conversas entre a equipe da galeria. Na frente da minha mesa de trabalho ficava uma varanda com portas de vidro, onde podia ver buganvílias e palmeiras enormes. Todo dia, o som do balanço das folhas e de pássaros cantando invadiam o espaço, assim como alguns sons metálicos ou de janelas balançando. Ventava muito.

Nesse espaço comecei escrevendo e anotando em um caderno sobre essas sensações e também sobre o sentido de eu estar ali. Precisando entender essas inquietações e fazer desse espaço um lugar também de acolhimento, trouxe uma escultura de cerâmica em forma de casa que fiz há anos atrás, quando estava grávida. Deixei no canto da mesa, bem perto. Fui trazendo aos poucos alguns restos de materiais que tinha em casa, como blocos e rolos de papel, tintas, linhas, papéis coloridos e envelhecidos, sem a obrigação de ter algo predeterminado. Queria trabalhar inicialmente com restos e com o aproveitamento de forma espontânea.

Recentemente, passei um ano desenvolvendo uma pesquisa gráfica em desenho. Desde então tenho pensado como o desenho pode se manifestar também por outras linguagens, uma delas a colagem.

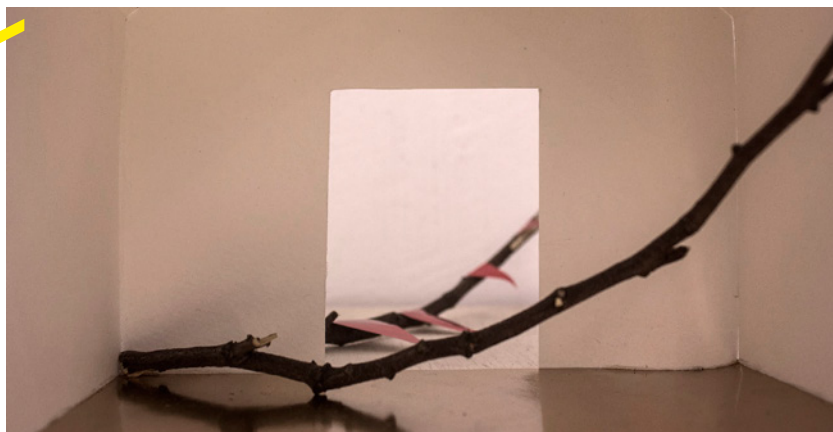
Assim, produzi uma série de paisagens com papéis sobrepostos e suportes transparentes sem a necessidade de muito controle através da cola e outros elementos que iam sendo inseridos. Construí pequenas casas de papel com chão dourado e galhinhos saindo do seu interior. Depois, com a pintura, retratei outras paisagens com pequenos retalhinhos de papel, inseridos por meio da colagem, que podem ser casas ou montanhas que somem na neblina. E, no final desse processo, volto à representação de espaços domésticos e íntimos em uma última série de pinturas sobre papel. Ali retrato paredes de azulejos em que manchas e nuances de pequenas paisagens podem ser visíveis.

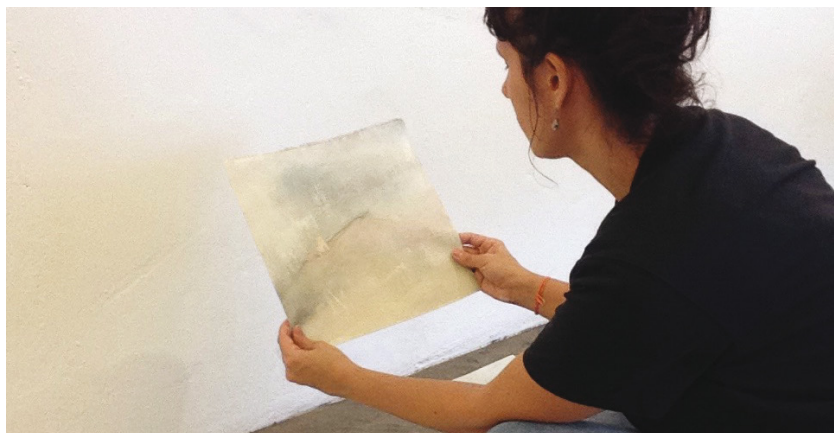
Tudo isso se conecta muito com o que venho pensando e desenvolvendo poéticamente em meus trabalhos. Ter trazido a minha casinha de cerâmica cheia de afeto para esse novo espaço ajudou no meu processo imersivo e criativo.

Penso que estamos vivendo em um período complexo e de muita individualização da vida e do pensamento. A sensação de não pertencimento a lugar nenhum é visível. Acredito que talvez pela arte encontremos uma forma e uma oportunidade para sobrevivermos aos tempos difíceis e catastróficos. E que cada um possa projetar algo próprio e possível, criar conexões entre pessoas e espaços para pensar em um mundo coletivamente mais saudável e afetuoso.









//RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS 2019

Agradecimentos

Axs artistas participantes dessa edição, com muito carinho: Juliana Pessoa, Alexandre Sequeira, Barbara Carnielli, Esther az, Lorena Pazzanese, Luana Vitra, Max Willà **Morais**, Marcelo Venzon e Liliana Sanches;

Ao Mosteiro Zen Morro da Vargem pela generosa acolhida e parceria, em especial ao monge Daiju Bitti, Kendo, Ernesto Bonato, Taishin, Yasmin e ao Prof. Márcio Moura;

À equipe da OÁ Galeria, Thais Hilal, Gabriel Borém, Felipe Ney e Livia Egger;

À curadora Juliana Gontijo, pela disponibilidade e conversas;

À Ananda Carvalho, Nicolas Soares, Leonardo Bahia Diniz e Kyria Oliveira; pelas ótimas trocas e por nos receber em seus espaços de trabalho, e ao Rafael Segatto, Hilal Sami Hilal, Ori Hilal e Valéria Gonçalves, por todo apoio durante o projeto;

E à Secretaria de Estado da Cultura, pelos recursos captados via Funcultura, sem os quais esse projeto não seria possível.

As imagens contidas nessa publicação foram fornecidas pelos próprios artistas e equipe envolvida no projeto.

Vitória e Ibiraçu, 2019

Ficha Técnica

ENTRE NÓS - Residências Artísticas 2019

Realização e Produção

Thais Hilal e equipe da OÁ Galeria - arte contemporânea

Curadoria geral e Produção executiva

Clara Sampaio

Curadora convidada da Residência Coletiva

Juliana Gontijo

Coordenador do Programa de Residência da Estação Cultural do Mosteiro Zen Morro da Vargem

Ernesto Bonato

Residentes

Juliana Pessoa (OÁ Galeria, Vitória) - *junho/julho de 2019*

Alexandre Sequeira (Mosteiro Zen Morro da Vargem, Ibirapu) - *agosto de 2019*

Barbara Carnielli, Esther az, Lorena Pazzanese, Luana Vitra, Max Willà Moraes, Marcelo Venzon (Mosteiro Zen Morro da Vargem, Ibirapu) - *setembro de 2019*

Liliana Sanches (OÁ Galeria, Vitória) - *outubro de 2019*

Projeto Editorial

Clara Sampaio

Textos

Clara Sampaio, Juliana Pessoa, Alexandre Sequeira, Juliana Gontijo e Liliana Sanches

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação - Paulo Prot

Revisão de Texto, Edição e Revisão final - Clara Sampaio

ISBN: 978-85-919103-7-3

Especificações Gráficas

Tipografia - Dosis para títulos e DIN Pro para corpo

Papéis - Offset 180 g/m² para o miolo e Supreme 250g/m² para a capa

Impresso em Vitória/ES

Realização



Apoio



MOSTEIRO ZEN MORRO DA VARGEM

Realizado com recursos do

Funcultura

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria de Estado da Cultura

